

**Anais do
IV Seminário Eniac 2012
IV Encontro Da Engenharia Do Conhecimento Eniac
IV Encontro De Iniciação Científica Eniac**

EDUCAÇÃO DE ADULTOS: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS PARA CURSOS SUPERIORES TECNOLOGICOS.

Valéria Guedes Caruso

Valéria Guedes Caruso. Mestranda em Educação, UNICID. Psicóloga, Educadora, Pós graduada em Gestão de Negócios pela Universidade São Judas Tadeu. Docente de Ensino Superior e Tecnológico da FAC ENIAC. Consultora organizacional na área de administração e formação de pessoas.

RESUMO

O artigo apresenta algumas reflexões que identificamos como necessárias à Educação de Adultos. Repensar estes que buscam trazer à pauta conhecimentos e reconhecimentos de como o adulto se apresenta hoje. Um adulto complexo que, por vezes, não assume sua condição de adulto, por vezes se comporta como um adolescente, incompleto ou inacabado nas suas articulações não só no espaço escolar, como no de trabalho. Tal adulto pouco foi foco de estudos nas teorias de educação contemporâneas. Então, por isso temos que suprir tais lacunas de conhecimento e discutir o adulto do século XXI em busca de tornar mais efetiva nossa ação de docente de adultos. E identificar

como trabalhar os conteúdos em sala de aula para que a aprendizagem possa ocorrer.

Palavras-chave: educação de adultos; imaturidade; aprendizagem; Desenvolvimento.

ABSTRACT

The article presents Adult education: reflections for contemporary higher education technology some issues that. I identify as necessary for Adult Education, which seeks to bring staff knowledge and recognition of how the adult is today. An adult complex that sometimes does not assume their adult condition, maybe have as a teenager, incomplete or un finish your joints, not only in school but also in their

work space. Adult who was little focus on studies (in contemporary theories of education) and then be studied to propose that we can supply such knowledge gaps discussing adult century, seeking to make more effective our action of teaching adults. And how to identify the work content in the classroom so that learning can occur.

Keywords: adult education, immaturity, learning, development.

INTRODUÇÃO

Hoje atuo como docente, em Instituição de Ensino Superior, detenho formação acadêmica que me habilita para tal, soma-se à formação uma vivência profissional de mais de 30 anos, voltada para a orientação de adultos. Aparentemente, conhecimentos razoáveis e satisfatórios para desenvolver a ação de docente, mas vejo como muito interessante, digo, profundamente importante discutir sobre quem, hoje, é o sujeito de minha ação – o aluno adulto.

Quem é hoje o adulto que se apresenta em sala de aula? Está em busca do quê? Será que detenho a informação ou o conhecimento que ele busca? E estamos preparados para ofertar o que busca numa sala de aula de adultos?

Primeiramente, creio ser importante colocar que a formação acadêmica que me capacita desenvolver a docência, hoje, foi adquirida paulatinamente durante minha ação profissional, anterior inclusive ao objetivo pessoal de ser docente. Deu-se mais pela busca do conhecer, do saber para atividade desenvolvida em organizações não educacionais através de uma ação de formação e desenvolvimento de profissionais. Muitos destes

trabalhadores só tiveram a possibilidade de aprender o seu ofício no próprio espaço profissional, melhor colocando na sua atividade diária de trabalho e/ou durante as oportunidades que a organização disponibilizava ao seu aprendizado. Eu, em diversas oportunidades, fui a profissional que desenvolveu a ação organizacional, por atuar na área de recursos humanos (treinamento&desenvolvimento), capacitando colaboradores.

Tal exercício estimulou refletir constantemente sobre a construção do processo de aprendizagem e como seria possível estimular o aprendizado dos meus colegas de trabalho. Na oportunidade, todos eram colegas de trabalho e isto correu por três décadas. Hoje, finalmente resolvi assumir só uma das minhas atividades profissionais: ser docente.

Mas, quando assumi esta ação, não tinha claro ainda – como não tenho – quais saberes deve-se dominar para ensinar ao aluno adulto. Este aluno que nos sugere ser diferente do aluno que fomos e que, por vezes, desconhecemos enquanto docente.

Muitas das teorias de aprendizagem são balizadas para crianças e jovens, não para o adulto que hoje frequenta a sala de aula em muitas instituições brasileiras de ensino. Tal país carece de mão-de-obra qualificada como se apregoa na mídia e nas empresas de modo geral. Muito me deparei com tal situação quando gerenciava área de recursos humanos, pois tinha por incumbência buscar profissionais no mercado de trabalho, prepará-los para apresentar, quase que de imediato, todos os resultados esperados pela organização para aquele posto de trabalho.

Boutinet (1989) nos coloca particularmente esta questão quando: Falar sobre a vida adulta pode parecer aparentemente banal. Com efeito, trata-se de reproduzir esta normalidade com a qual uns e outros nos sentimos comprometidos ou perante a qual experimentamos, quer um sentimento de exclusão devido a algum handicap, quer uma remota recordação, considerando a nossa idade avançada. Mas, tal normalidade parece-nos próxima quando pensamos ter atingido a *flor da idade*, isto é, a plena maturidade das nossas capacidades pessoais e o pleno exercício das nossas responsabilidades sociais. Desse modo, por trás desta expressão banal de sentido comum *vida adulta*, há um verdadeiro tratamento muito irregular, pelo menos triplo: social, cultural e psicológico confere à vida adulta em geral, e ao ser adulto em particular, conotações muito singulares conforme os espaços vividos e os tempos guardados na memória conforme aponta Boutinet (1989) no livro: A Imaturidade da Vida Adulta.

1. COMO PREPARAR O ADULTO NO AMBIENTE DE TRABALHO?

Este, no contexto do trabalho, é percebido e se percebe, na maioria das vezes, como dominador de conhecimento. Mesmo nestes espaços, que nos dias atuais se reformulam num ritmo efervescente, praticamente não permitem aos adultos inseridos nestes, tempo suficiente para a assimilação e acomodação ao novo conceito ou prática. E, logo em seguida, novas situações emergem e devem ser incorporadas à ação profissional. Podemos identificar que, no

contexto profissional especialmente, “o adulto é entendido doravante como perspectiva, uma maturidade vocacional nunca atingida, mas em continua conquista”².

Difícil de conviver tranquilamente com esta situação, pois o ambiente organizacional solicita que seus participantes se apresentem preparados para os demandas empresariais, sejam estas quais forem. Assim, as circunstâncias vão solicitar que a empresa prepare este profissional, ou ele mesmo atualize seu conhecimento, quando não encadeadas.

Temos aqui nossa dúvida: como desenvolver esta ação, no passado enquanto profissional da área de recursos humanos e hoje como docente? E, ao buscar conhecimento, percebi que boa parte dos estudos na área da educação não tem como foco o adulto do século XXI, que vive neste ambiente mutável, sem modelos estruturados. Como consequência, os docentes nem sempre estão capacitados a “preparar”, pois, por vezes, nos deparamos com situações que não decodificamos plenamente. Em fim, nem sempre sabemos quem é este adulto com quem interagimos diariamente e nem sempre atingimos de maneira produtiva na nossa ação profissional.

Por isso é importante reestudar este adulto, atualizar a referência teórica que dominamos e reconhecer o quanto a profissionalização pode contribuir para a formação da subjetividade, do pensamento crítico que venhamos a produzir. O retorno é esperado por nosso adulto – como para nós, docentes – somos adultos de hoje, certo?

No nosso dia-a-dia, temos uma busca constante de explicações sobre

como o “mundo” caminha, como se processa a aprendizagem do adulto – como o adulto aprende. O adulto renova-se, reestrutura-se na busca do equilíbrio – faz uso da aprendizagem para poder enfrentar o contexto que se apresenta. Quem é o adulto hoje, qual o seu padrão, qual a sua perspectiva, qual o seu problema?

Furlanetto (2004) corrobora com nossas dúvidas quando nos diz que a investigação dos caminhos que os adultos tecem para aprender tem nos apontado que a aprendizagem de adultos está ancorada na instabilidade e na falta. Quando ele se vê deslocado de suas certezas, busca um outro patamar de consciência que o coloque novamente em uma região de conforto. A escola e o aluno na relação de sujeito-aluno e sujeito-professor.

Devemos identificar, especialmente nas últimas décadas do século passado, o êxodo da mão-de-obra feminina e a evolução tecnológica presente no trabalho reformularam em muito as relações profissionais e pessoais. Soma-se a este contexto a mão-de-obra experiente sendo convocada a não ceifar a sua vida produtiva, já na primeira década do século XXI. Todos interagindo e apresentando-se neste ambiente ambíguo, onde, num passado próximo, comportamentos eram corretos e diferenciados (fumar, dirigir veículos que consomem grande volume de combustível etc.). Muito do que se acreditava certo está se reformulando. Boutinet (1989) aponta que a discussão de um tema válido em uma época com a mudança de cultura, valorea e crenças perde o valor. Socialmente, temos a apresentação das responsabilidades

crescentes que, nem sempre, o adulto consegue tratar satisfatoriamente, tanto nos âmbitos profissionais como pessoal. Assim, temos caracterizado este ser inseguro, por não saber o que busca e por não ter base para a mesma. Como é possível ser seguro se tudo se reformula, se não há parâmetros palpáveis? Qual o adulto que convive neste quadro e mostra-se tranquilo frente as suas responsabilidades? Difícil, pois nem sempre se está preparado para tal, mesmo que haja preparo tal a complexidade das circunstâncias.

2. MUDANÇA DE ÓTICA

No início do século passado, ser adulto poderia ser algo “bom”, menos inseguro, os riscos eram possivelmente menores. A exclusão dos “sistemas” ocorria para o adulto que não conseguia responder ao contexto, então o fator psicológico destes indivíduos ficava prejudicado. A exclusão ocorria no esquema social especialmente (emprego, família etc). Hoje, o século XXI nos apresenta que os adultos encontram-se incompletos em sua capacitação para a vida.

O adulto, com quem convivemos em nossa sala de aula, na maioria, é alguém que se lança na vida profissional sem muita consciência da mesma; desenvolve atividades nem sempre correlacionadas a sua formação acadêmica/técnica ou que não requeira formação específica. Em decorrência, ele está em sala de aula em busca de algo que nem sempre identifica ou reconhece claramente: estudar para quê ou por quê? Não visualiza o motivo que o levou de volta à escola, goza de sentimentos

contraditórios frente a esta situação. Reconhece que aprender é fundamental, mas não percebe onde utilizar o aprendido. O sentimento de revolta (característica clássica do jovem) apresenta-se e torna a situação contraditória.

A vida adulta de hoje – desestabilizada – requer uma abordagem interdisciplinar, tais as marcantes características. Muitas das diversidades atribuídas à vida adulta do século XXI seriam a não correspondência entre os fatores e as fases das idades, muito aceitas anteriormente para se praticar aprendizado, formação etc.

Hoje, percebe-se certo receio de se tornar adulto, quando esta posição se relaciona à idade somente. A idade não é vista como fator preponderante, é algo que pode prejudicar em alguns contextos (trabalho, social etc.). A idade é um tabu mal reconhecido e em metamorfose. O medo de se tornar adulto cria um sentimento de ambivalência - o adulto intermitente (uma hora se quer ser adulto ou responder como tal, em outro momento, melhor não), estamos frente a uma nova configuração para a vida adulta.

O contexto de sala de aula tem mostrado um adulto diferente do que se apresentava no passado (décadas de 70/80): instabilidade crescente, perspectivas oscilantes, problemas diversos. “Ontem”, o adulto era um conquistador, alguém orgulhoso de sua autonomia. Hoje, é alguém que caminha com fragilidade de uma cultura determinista para uma cultura de incerteza. Convive com crises frente as suas ações, ao trabalho, à profissão e se vê obrigado a dar sentido a sua vida, pois é isto que se espera de um adulto.

As situações de vida adulta, características da nossa sociedade pós-industrial, apresentam, em sala, um adulto jovem, envolto em suas atividades de trabalho e de casal (associação que sugere socialmente facilitar a aceitação das responsabilidades) e um outro adulto de meia idade que, nem sempre, conta com uma boa visão da sua trajetória pessoal e profissional, com características bem diferentes do passado.

Observa-se que, mesmo em crise, o adulto continua a adaptar-se, mas sugere que está perdendo a flexibilidade para tal adaptação. A situação se mostra difícil, pois, são tantas normas sociais que não favorecem efetivamente. O adulto percebe-se mal reconhecido, podemos crer que a idade não se separa da identidade, mas podemos observar um ser com uma identidade flutuante – que busca perder a identidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de reconhecer o adulto como inacabado em nossa sala de aula, devemos tomar conhecimento do quanto ele dá importância ao motivo que o leva a aprender e qual retorno perceberá com esta ação. O professor deste adulto deve se importar em conhecê-lo e assim fazer uso da experiência dele para que o desempenho e o aprendizado se concretizem, ou seja, ocorra efetivamente. A correlação com situações reais de dia-a-dia, ou contextualização, ou a utilidade do conhecimento ou informação favorece em muito a motivação do adulto para ao aprendizado.

Junto a esta situação de estar em busca de concluir algo, temos aquele

adulto com iniciativa na sala, ou seja, que tem vontade, que se insere, que resolve, independente de todas as contradições, ou da ótica de vida do século XXI. Mas, temos o adulto que só assiste sem vontade.

Os adultos encontram-se perplexos, desapontados frente à grande complexidade do mundo; basear-se no já vivenciado seria mais fácil, ter uma resposta, também. Acreditamos ser necessário não perder de vista que o contexto globalizado confunde-nos ainda mais, muitas alternativas ou alternativas intangíveis tornam difícil definir uma rota – um objetivo numa cultura do projeto. De acordo com a realidade nomeada por Bauman (2007) “Vida Líquida”, o nosso adulto se reformula, participa compulsoriamente, mas nem sempre decodifica claramente o contexto para poder apresentar respostas favoráveis.

Esta realidade diluída promove no adulto um repensar a vida profissional, um perceber que ela finda antes de se estar pessoal, profissional e financeiramente preparado para um novo projeto. Nosso aluno é este alguém que não sabe quem é e o que faz efetivamente num banco de sala de aula. E, nós, professores, devemos, a exemplo do todo o contexto discutido até aqui, estudar melhor como este aluno aprende para assim poder possibilitar um entendimento de todo este contexto e tornar o aprendizado algo que favoreça.

Ampliando as nossas reflexões com base em nossas vivências e leituras além de identificar que o docente de adultos interage e produz enquanto profissional num espaço onde deve estimular que seus aprendizes, que são

adultos em formação constante, identifiquem a realidade do século XXI como possível e viável desde que nos empenhemos em sempre pesquisar e aprender com o que nos cerca.

BIBLIOGRAFIA PESQUISADA

1. BAUMAN, Zygmund. Vida líquida; tradução Carlos Alberto Medeiros Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2007.
2. BOUTINET, Jean-Pierre A Imaturidade da Vida Adulta, Ed. Rés, Porto Portugal, 1989.
3. DANIS, Claudia SOLAR, Claudie Aprendizagem e Desenvolvimento dos Adultos – Instituto Piaget, 1998.
4. DOMINICÉ, Pierre The education of adults confronted by the biographical imperative Université de Genève Educação e Pesquisa Print version ISSN 1517-9702 Educ. Pesqui. vol.32 no.2 São Paulo May/Aug. 2006 doi: 10.1590/S1517-97022006000200010 EM FOCO: HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico⁺
5. FURLANETTO, E. C., MENESES, J. G. C. e PEREIRA, P.A. org. A escola e o Aluno relações o sujeito-aluno e o sujeito-professor, São Paulo: Avercamp, 2007.
6. HALL, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
7. ULRICH, Dave e Wendy Por que trabalhamos como grandes líderes constroem organizações comprometidas que vencem - Porto Alegre: Bookman, 2011.